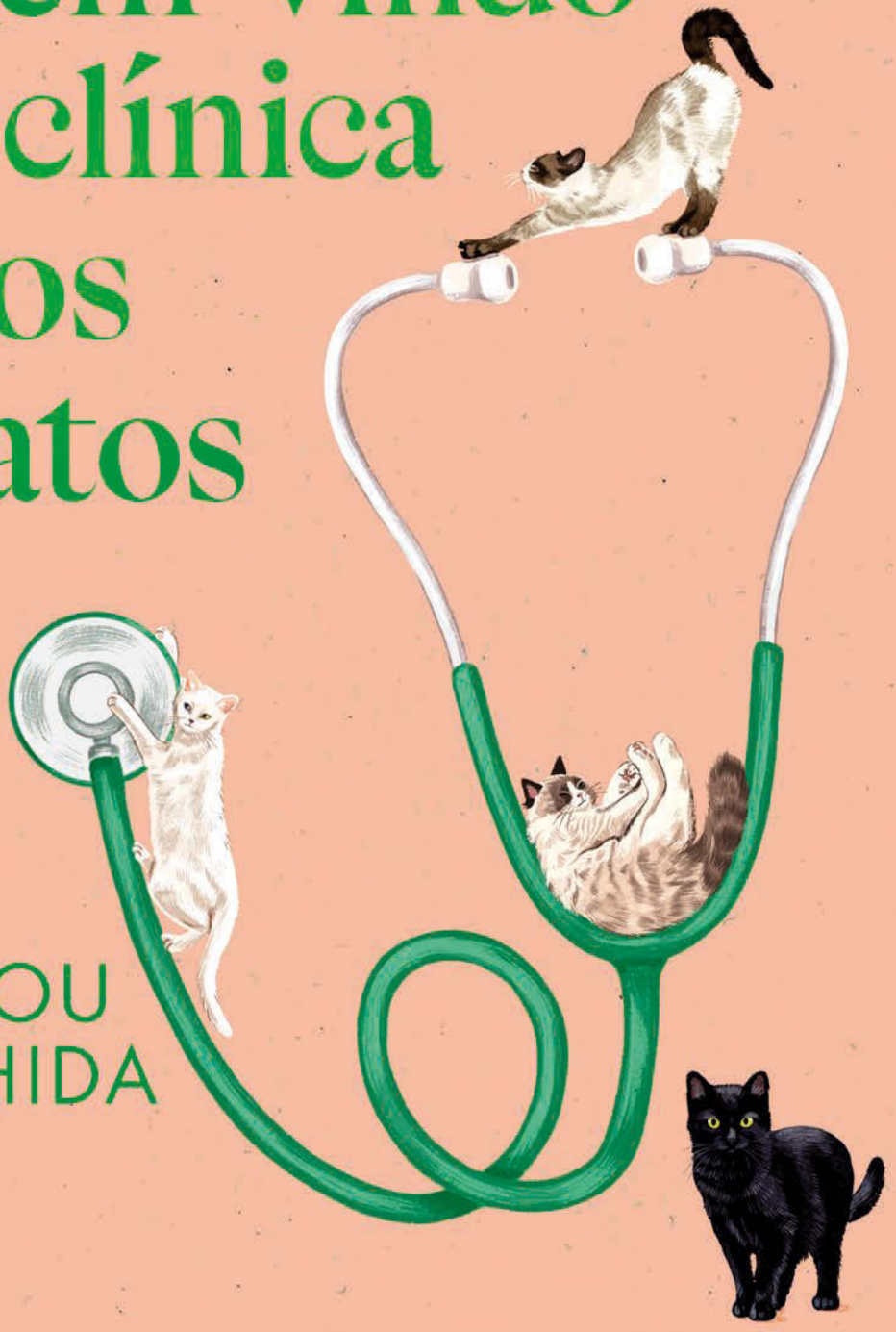
O bestseller japonês

Bem-vindo à clínica dos gatos



SYOU ISHIDA

1

BENA



Clínica da Alma Nakagyō Kokoro. No quinto andar de um edifício localizado a leste da rua Takoyakushi, a sul da rua Tominokoji, a oeste da rua Rokkaku, a norte da rua Fuyacho, Divisão Administrativa de Nakagyō, Quioto.

Desde as oito da manhã de sábado que Fūko Hatta deambulava pelas ruas estreitas, dispostas como um tabuleiro de Go. Geralmente, conhecer os nomes das principais artérias de Quioto era suficiente para uma pessoa se orientar, mesmo que não soubesse o nome do distrito. A rua Rokkaku localizava-se a cerca de dez minutos a pé da estação de Quioto, na rua Shijō. Se continuasse por este caminho, chegaria ao seu destino.

Fora, pelo menos, isso o que pensara, mas não encontrava o edifício em sítio algum. Consultou o relógio. Eram quase nove horas. Há já quase uma hora que andava às voltas pela mesma área.

Fūko tinha nascido e sido criada em Quioto, e apesar de já ter vindo a este bairro inúmeras vezes para fazer compras, era raro cá vir ao sábado de manhã. Não havia muitos transeuntes, nem mesmo nas ruas de comércio Shinkyōgoku e Teramachi, que habitualmente fervilhavam de vida. Na verdade, as lojas de conveniência eram os únicos estabelecimentos abertos. De início, Fūko achara as ruas desertas da zona comercial revigorantes e vagueara descontraidamente, como que a dar somente um passeio.

No entanto, pouco depois, a tranquilidade dera lugar à impaciência.

O que procurava era uma clínica psiquiátrica no quinto andar de um prédio. Ouvira dizer que nessa clínica, muito popular,

trabalhava um médico talentoso e bem-parecido que levava a sério as preocupações das pessoas, por muito irrisórias que pudessem parecer.

Era a primeira vez que considerava a possibilidade de visitar uma instituição de saúde mental. Depois de Fūko publicar numa rede social que se sentia um pouco deprimida, uma amiga falara-lhe da Clínica da Alma Nakagyō Kokoro. A boa aparência do médico não lhe interessara. O que atraíra Fūko fora a ideia de que o profissional a poderia inspirar e dar-lhe o empurrão de que precisava. Se conseguisse um selo de aprovação de um médico, de certeza que não faria asneira.

Ficara ansiosa por marcar uma consulta, mas não tinha encontrado as informações de contacto em sítio algum. A extensa pesquisa feita na Internet não lhe tinha trazido qualquer resultado e a amiga que recomendara a clínica só tinha ouvido falar da mesma.

Assim sendo, pensara, restava-lhe ir lá pessoalmente. Sabia que a maioria das clínicas começava a receber pacientes às nove da manhã, pelo que presumira que, se chegasse um pouco antes da abertura, lhe poderiam arranjar uma vaga. Fora esse o motivo pelo qual tinha acordado tão cedo no dia de folga, para esta ida especial à cidade.

Porém, o tempo parecia voar enquanto procurava o edifício. Consultou o relógio de novo. Já passava das nove.

Sentiu uma vaga de desilusão. Teria percebido mal a morada?

As lojas começavam a abrir. Tomar o *brunch* de sábado num café situado numa casa tradicional poderia ser uma solução deliciosa, mas Fūko não estava para aí virada. O seu plano original para o fim de semana fora passá-lo a ensaiar.

Já a preparar-se para regressar à estação Gion-Shijō, reparou num pequeno beco entre os edifícios. Era tão estreito que os pálidos raios de sol matinais não conseguiam lá chegar. O chão estava molhado, como se tivesse chovido apenas naquele sítio.

Olhou para o fundo do beco com os olhos semicerrados e viu um prédio de cinco andares encaixado entre duas estruturas altas. Naquele momento, encontrava-se na rua Tominokoji ou Fuyacho, ou possivelmente na rua Takoyakushi ou Rokkaku. Com cautela, decidiu explorar o beco.

De certeza que não há de ser para estes lados, certo?

No entanto, parecia-lhe ter chegado ao destino.

Não o devia ter visto antes por presumir que o edifício se iria localizar numa rua principal. Por outro lado, não se parecia nada com o que imaginara. Para um quarteirão que, supostamente, albergava uma clínica famosa, era sombrio e lúgubre.

Ao caminhar devagar para a entrada, reparou que a porta da frente estava aberta. Sob a iluminação difusa, distinguiu um átrio que se alongava até às profundezas do edifício. Do sítio onde estava, não era possível perceber quantos pacientes poderiam estar à espera da sua vez. Havia até a possibilidade de a agenda já estar preenchida para aquela manhã.

Mas não custava nada verificar, pensou. Fūko começou a subir a escada. Lá estava, Clínica da Alma Nakagyō Kokoro, localizada num apartamento no quinto andar. Dava a entender que não havia pacientes à porta, que parecia um pouco soturna, com a tinta a descascar e o metal reforçado.

Será que, afinal, só atendem por marcação e não recebem sem hora marcada?

Resignada, abriu a porta. Se calhar, as ferragens estavam soltas, porque a porta abriu-se com um leve puxão.

Espreitando para o interior, vislumbrou um espaço simples e bem arrumado. À frente, havia um pequeno postigo de receção, que deixava adivinhar a pequena dimensão da clínica.

Continuava sem ver pacientes. Questionando-se se estariam noutra sala mais interior, Fūko inclinou a cabeça, depois ouviu o ruído surdo de chinelos a bater no chão. Apareceu uma enfermeira. Parecia estar na casa dos 20 anos, mais ou menos a idade de Fūko.

Bonita, com uns olhos largos e estreitos e um belo nariz. Ostentava uma expressão penetrante.

— Sim, posso ajudar?

— Eu…

— Imagino que seja uma paciente, estou correta? Entre, por favor — disse a enfermeira, sem esperar pela resposta. Espreitou para o fundo da sala.

Provavelmente, vão encaixar-me entre duas consultas, pensou Fūko.

Entrou, aliviada por não a terem mandado embora. Olhou em redor, esperando encontrar uma fila de pacientes, mas não se via vivalma.

Onde devo esperar pela minha vez?, interrogou-se, olhando para o único cadeirão que ali havia. Empurrou a porta e deu por si numa sala com uma cadeira dobrável e uma secretária com um computador. *Isto não pode ser a sala de espera*. Fechou a porta com delicadeza.

— Sim, é aí. O consultório.

— Mas não tenho consulta marcada.

— O paciente que tinha hora marcada ainda não chegou. Pode entrar.

Fūko ficou entusiasmada com a facilidade com que seria vista pelo médico. Nunca pensara que não teria de esperar.

Foi então que as dúvidas começaram a vir ao de cima.

Chego a uma clínica famosa, mas não há um único doente à vista. Será que me deram informações erradas?

O que a amiga lhe dissera eram unicamente rumores.

— Isto é uma clínica psiquiátrica, não é?

— Não sei nada sobre isso.

— Como? — Fūko arregalou os olhos. A enfermeira não parecia estar a brincar. As feições bem definidas não mostravam qualquer indício de sorriso. Mantinha-se fria e distante.

— Faça o favor de entrar. O senhor doutor vem já.

A enfermeira transmitia uma energia que não admitia contestação. A determinação dos seus modos deixou Fūko desconcertada, mas entrou para o consultório, conforme lhe disseram para fazer. De facto, era uma sala simples, demasiado exígua para qualquer tipo de especialidade clínica.

Sentou-se à espera na cadeira dobrável. Ao fim de alguns segundos, as cortinas ao fundo abriram-se e assomou um médico de bata branca. Ao contrário da enfermeira, esboçava um sorriso radioso.

— Ora viva! É a primeira vez, não é?

Por instantes, Fūko não soube o que dizer. *É este o médico talentoso e bem-parecido que anda na boca de toda a gente?*

Não se podia dizer que fosse propriamente bem-parecido, mas não havia dúvida de que tinha uma cara simpática. Tinha uns modos bondosos e falava com um suave sotaque de Quioto. Parecia jovem de mais para ser um médico de renome. *Não tem mais de trinta anos*, pensou Fūko.

A resposta da enfermeira levara Fūko a interrogar-se se estaria no sítio errado. Era tarde de mais para se preocupar com isso agora, mas, sentindo-se inquieta, Fūko perguntou:

— Estou na Clínica da Alma Nakagyō Kokoro?

— Está. O nome é giro, não é? Por vezes, também conhecida por Clínica dos Gatos Kokoro. O nome do meu próprio médico é Kokoro Suda e surripiei-lhe o nome sem ele saber. A verdadeira clínica do doutor Kokoro fica nas traseiras, do outro lado deste edifício. Ah, mas não se preocupe, não somos «falsos» nem nada do género. A propósito, como foi que ficou a saber de nós?

Agora, era o médico quem fazia as perguntas.

Verdadeira, não é falsa… que diabo quer ele dizer? Fūko estava demasiado estupefacta para responder.

Apercebendo-se do silêncio, o médico inclinou a cabeça para o lado.

— Não me diga que não se lembra? Será que os rumores sobre a nossa clínica se espalharam tanto que já nem se sabe de onde partem? Oh, não! O que devemos fazer? Vai ser um problema enorme, ficarmos demasiado famosos. A fábrica de rumores trabalha a todo o vapor, não é? Trabalha sem parar!

— T-talvez?

— Estou a *ver*. Isto pode ser um problema. A minha clínica está na *moda*? Bem, mesmo que esteja, somos apenas nós os dois, eu e a enfermeira, a gerir esta minúscula operação. Não aceitamos mais pacientes. Para piorar as coisas, estou *cheio* de sono. Estou… Como é que se diz? Crepuscular? Os meus olhos abrem-se ao romper da aurora, pelo que fico sonolento por volta desta hora. Mas já que veio de tão longe, abro uma exceção no seu caso. Como se chama e quantos anos tem?

— Hum…

Fūko continuava sem conseguir falar.

O médico pestanejou com força, sem se mexer, como se tivesse dificuldade em manter os olhos abertos. De certeza que o que dissera sobre estar com sono era uma brincadeira, mas a julgar pelo rumo da conversa, presumia que o médico a iria mandar embora. No entanto, parecia que não seria assim.

— Chamo-me Fūko Hatta e tenho vinte e sete anos.

— O que a traz por cá, Fūko?

Pelos vistos, a consulta começara. Embora não estivesse a decorrer como esperara, o médico parecia disposto a ouvir o que ela tinha para dizer. Fūko meteu a mão na bolsa e tirou de lá um monte de documentos.

Começou a ficar nervosa. *Será que me vou conseguir explicar bem?*, pensou.

— Portanto, hum, rasurei as partes que não posso partilhar — disse, medindo bem as palavras.

Fūko planeara ler a partir de um *tablet* enquanto projetava os materiais da apresentação, mas também imprimira cópias em papel

como segundo plano, para o caso de haver dificuldades técnicas, e utilizara um marcador para editar com todo o cuidado eventuais pormenores que não pudesse divulgar a terceiros.

Ou seja, praticamente todo o texto estava rasurado.

Depois de eliminar os nomes próprios, os números e os gráficos, tudo o que restava eram palavras sem sentido.

Porém, sem o documento verdadeiro nas mãos, não parecia real. Fūko levantou-se da cadeira. O consultório era tão exíguo que ficou a pairar por cima do médico.

— Na segunda-feira, tenho de fazer uma apresentação à frente do presidente da empresa no âmbito de um concurso interno. Como aqui, mas num auditório cheio de gente.

Segurou os documentos e esticou os braços como quem apresenta um diploma. A pilha de papéis quase roçou a cabeça do médico.

— Eh, lá — disse o médico, agachando-se. — Está a empenhar-se mesmo nisto. Com que então, uma apresentação? Isso é muito giro.

— Não é nada giro.

Fūko recuou os braços. A sala era tão pequena que era quase impossível ter uma conversa de pé. Além disso, parecia estar a ficar demasiado exaltada. Agarrou nos papéis junto ao peito e sentou-se.

— Desculpe. Estou tão nervosa que me entusiasmei de mais.

— Compreendo. É como se alguém ligasse um interruptor e o entusiasmo jorrasse descontroladamente. Também me acontece. Quando o interruptor se desliga de repente, dou por mim a correr pela sala.

A correr? Neste espaço acanhado?

Fūko olhou em redor. Seria capaz de chegar ao fundo da sala com dois ou três passos.

Não, deve estar outra vez a brincar. Está apenas a fazer eco do que eu disse para me ajudar a acalmar. Com este médico, sinto que posso partilhar os meus problemas mais triviais.

Diminuiu o aperto sobre o monte de papéis que estava a segurar junto ao peito.

— Trabalho no Departamento de Contabilidade de uma empresa que comercializa uma grande variedade de artigos de escritório. Há algum tempo, a empresa anunciou um concurso e convidou todos os colaboradores a lançar ideias para novos produtos. Esforcei-me imenso na minha proposta e foi selecionada.

— Uau, isso é fantástico!

— Nem por isso. Só cheguei à fase preliminar antes da última ronda. A minha ideia apenas será adotada dependendo da apresentação que tenho de fazer.

O médico deu uma pequena gargalhada.

— É a oportunidade de apresentar a sua ideia. É fantástico, não é?

Fūko abanou a cabeça.

— Não é nada fantástico.

Desde o dia em que a proposta fora selecionada, um mês antes, que se sentia agoniada.

Ainda agora, tinha a barriga a revirar.

— Detesto ser o centro das atenções. Só de pensar em apresentar-me sozinha diante de um público, fico com as pernas a tremer. Quis voltar atrás, mas o meu gerente insistiu em que, já que eu me oferecera, deveria levar isto até ao fim. Mas não me ofereci. Apenas o fiz como parte do meu trabalho. Nem sequer estou no Departamento de Vendas. Uma apresentação como esta é demasiado para mim.

Uma cena desagradável começou a ganhar forma na mente de Fūko.

Um auditório com a iluminação difusa. Filas de cadeiras apinhadas de gente.

Uma apresentação a ser projetada no ecrã e a pessoa que teve a ideia a discursar.

A empresa fizera circular um memorando a incentivar o máximo possível de colaboradores a participar, se os planos de trabalho o permitissem, mas Fūko não fizera ideia do número de pessoas que iriam aparecer.

A empresa grossista onde Fūko trabalhava localizava-se em Horikawa Gojo e o ramo principal eram aparelhos e artigos de escritórios, como esferográficas.

A direção solicitava com regularidade que os colaboradores apresentassem ideias para novos produtos. Fazia parte do trabalho e era inteiramente voluntário, mas o concurso era sujeito a um tratamento especial. Colegas cheios de motivação ansiavam por estes concursos, contudo, Fūko participava sempre na qualidade de espectadora. Os temas mudavam todos os anos, mas ficava impressionada com a seriedade com que todos — desde os novos colaboradores aos mais experientes — encaravam a apresentação. De entre as ideias propostas, havia produtos engraçados — produtos de higiene pessoal, bugigangas, artigos de papelaria originais — que Fūko esperava ansiosamente por ver ganharem vida.

Porém, o caso mudava de figura quando tinha de ser ela própria a fazê-lo.

Desde que fora selecionada como um dos finalistas, Fūko ensaiava a apresentação sempre que tinha oportunidade. Pedira ajuda a uma colega para a apresentação de diapositivos e já revira o guião muitas vezes.

O ritmo da palestra, o volume da voz, a posição do corpo e o tempo atribuído a cada secção. Planeara tudo meticulosamente.

— Ensaiei muitas vezes. E mesmo quando estou em casa, só penso nesta apresentação.

— Está mesmo empenhada nisto, não está?

— Bem, se uma pessoa inexperiente como eu não…

Começaram a ganhar forma na sua mente visões de um fracasso em toda a linha naquele auditório de iluminação difusa.

O nervosismo é avassalador e tem uma branca. Não consegue dizer uma palavra. As suas pernas começam a tremer. Ouvem-se gracejos pela sala. O presidente da empresa faz uma pergunta difícil. Não consegue responder. Um executivo ri-se à socapa e ela baixa a cabeça com as lágrimas a escorrer-lhe pela cara.

Cenários catastróficos eram estranhamente fáceis de visualizar. Por outro lado, era difícil invocar imagens de sucesso.

Com o crescer da ansiedade, começava também a perder a confiança na ideia original. As pessoas que a rodeavam tinham-na elogiado, mas agora estava convencida de que era infantil e desinteressante.

— Tenho-me esforçado imenso por estar preparada e não meter os pés pelas mãos durante a apresentação — disse Fūko. — Verifiquei tudo duas, três vezes, e esmiucei tudo a pente fino, mas continuo ansiosa. É por isso que, como um derradeiro empurrãozinho, gostaria que um médico me tranquilizasse e dissesse que vai correr tudo bem. Preciso daquele selo de aprovação para me tranquilizar. — Cerrou os dedos à volta dos documentos sobre as pernas, amarrotando-os.

Já pedira ajuda aos amigos e à família. Todos lhe tinham dito que o que importava era que desse o seu melhor. Recebera vários conselhos, como desenhar o ideograma que designa «pessoas» (人) na palma da mão e «engoli-lo» para afastar o nervosismo. Inclusive, uma tia sugerira imaginar todos os elementos do público como abóboras. Também encontrara tais sugestões nos muitos livros de autoajuda que lera.

Mas as pessoas não eram abóboras.

— Estou profundamente comovido — disse o médico com uma expressão muito séria. Os modos delicados de há pouco tinham desaparecido. Beliscou a ponte do nariz, a olhar para o teto como que a tentar conter as lágrimas. — Estou tão comovido que até fiquei ranhoso. A senhora verificou duas vezes, três vezes e reviu tudo repetidamente. É deveras extraordinária. Esmiuçou tudo,

uma e outra vez, a pente extrafino, com toda a minúcia e sem deixar escapar o mais ínfimo pormenor.

O médico virou-se para o computador e começou a escrever no teclado.

— Este é extraordinário… Aceita uma pequena mordidela? — perguntou.

— Uma pequena mordidela?

— Sim, uma pequena mordidela. Mas se for mordida ou arranhada a valer, vá a um médico, está bem? A um a sério, claro está.

— Um *a sério*?

Enquanto Fūko ponderava, o médico esboçou um sorriso repentino.

— Vamos receitar-lhe um gato. Chitose! Por favor, podes trazer o gato? — disse na direção das cortinas ao fundo.

Apareceu a enfermeira que Fuko vira há pouco, segurando uma transportadora de plástico.

— Doutor Nikké, devo incluir ligaduras, para jogar pelo seguro?

— Bem pensado. Traz o conjunto completo.

— Compreendido.

A enfermeira pousou a transportadora em cima da secretária e desapareceu.

Fūko estava estupefacta. *Ligaduras? O conjunto completo?*

O médico abriu a porta da transportadora com um estalido e meteu as mãos lá dentro.

Um gato de corpo comprido e esguio saiu de mansinho.

Pelo branco, salpicado de castanho.

Focinho castanho-escuro.

Olhos azuis e brilhantes, cintilando como luzes de Natal.

— É um… gato siamês?

— É. É lindo, não é?

Se calhar, a transportadora era um pouco apertada. O gato apoiou as patas da frente na secretária e ergueu os quadris,

espreguiçando-se com deleite. O corpo era de um branco-rosado. Tinha umas orelhas compridas e triangulares. A cauda era castanho-escura. As patas dianteiras e posteriores eram granulosas como madeira escura, adensando-se nas extremidades.

E… aquelas patinhas.

Parecia que tinham sido mergulhadas num fontanário de chocolate.

— *Adorável*. — A palavra escapou-lhe com um suspiro.

Os vários produtos que a sua empresa comercializava tinham, amiúde, motivos animais, sendo os gatos os mais populares. Havia canecas com gatos, fita adesiva decorativa com padrão de gatos, capas para telemóveis, toalhas e estojos. A maioria dos artigos tinha ilustrações ou desenhos de gatos, enquanto alguns tinham fotografias de animais reais impressas. Incluíam várias raças diferentes, e os siameses, com aquela coloração elegante, apareciam com frequência em produtos vocacionados para adultos.

Ver um ao vivo era algo completamente diferente.

Fūko ficou encantada com o charme do gato. O pelo curto e sedoso parecia extraordinariamente macio. Tinha o focinho pequenino, acentuado por umas marcas castanho-escuras a fazer lembrar maquilhagem. Delicadamente localizado ao meio, um nariz negro como breu.

É uma beleza. É a única forma de o descrever.

Considerando que é um gato, dever-se-ia dizer que é uma verdadeira beleza felina?

Com uma mão a tapar a boca, Fūko estendeu a outra, avançando devagar para não o assustar.

De imediato, levou uma sapatada na mão.

— *Ai!*

O médico resfolegou.

Fūko não sabia bem o que acabara de acontecer. Por reflexo, recolheu a mão agredida com força e encolheu os ombros. Não

fora uma dor suficientemente forte para gritar alto, mas é certo que fora inesperado.

Levara uma patada. Da pata dianteira cor de chocolate de um gato.

Era como se tivesse sido repreendida por ir ao pote das bolachas.

— Foi um murro dos diabos. Muito fixe. Entraste mesmo com tudo. Este não está com meias medidas. Corta o mal pela raiz.

O médico parecia animado e completamente indiferente.

— Então, quando vai ser essa apresentação?

— Depois de amanhã… Na segunda-feira.

— Perfeito! Nesse caso, fique com este gato durante os próximos três dias. Vou passar-lhe a receita. Depois, passe pela receção para levar os artigos necessários.

O médico pegou no gato com as duas mãos por baixo das patas.

O gato rodopiou de repente e deu-lhe um forte tabefe na mão. O médico arregalou os olhos de surpresa, mas depois desatou a rir.

— És refilão! Pronto, pronto, vamos lá meter-te aqui dentro…

Passou a mão por baixo da barriga do gato, mas antes mesmo de lhe tocar, o gato atacou de novo.

Duas vezes.

— *Ai!*

O médico afastou a mão depressa. As costas dela começavam a ficar vermelhas.

— Ah, ah! O que estás a fazer, gato? Vá lá, entra. Guarda as sapatadas para a paciente, não para mim.

Porém, o gato decidiu ser ele próprio e estendeu a pata da frente para desferir uma série de fortes golpes no braço do médico.

— Ai! Ei! O que estás a fazer? Pára lá como isso!

O gato acertou com a pata na cabeça e nas faces do médico repetidas vezes, como se fosse um tambor. Estivera sentado

com o traseiro na secretária, mas agora levantara-se como uma mola e equilibrava-se habilmente sobre as patas traseiras e a cauda.

Fūko estava de novo sem saber o que dizer. O consultório transformara-se numa espécie de ringue de pugilismo. O médico estava a levar uma coça, sem misericórdia.

— Ai! Ai! Socorro! Chitose, ajuda-me!

— Que diabo pensa que está a fazer?

As cortinas abriram-se e a enfermeira entrou com largas passadas. Num abrir e fechar de olhos, pegou no gato, meteu-o depressa na transportadora e trancou a porta. Fulminou o médico com o olhar.

— Doutor Nikké, importa-se de se deixar de brincadeiras à frente da paciente?

— Não estava na brincadeira. Estava a ser espancado!

O médico tinha as mãos, as bochechas e a ponta do nariz vermelhas e cobertas de pequenos arranhões.

— Ui, aquilo dói mesmo.

— Oh, não exagere. Olhe, agora sobressaltou a paciente com essa cara vermelha. — Virou-se para fitar Fūko, que continuava sentada, atónita. — Vou dar-lhe tudo o que precisa na receção. Pode passar — disse, entregando-lhe a transportadora com o gato.

Pouco à vontade, Fūko pegou na transportadora. Quando olhou para o médico, este parecia à beira das lágrimas. *Que diabo se passa neste lugar?* Ainda agora, o médico dissera estar cheio de sono ou então cheio de genica a correr pela sala. Se calhar, não foram brincadeiras. *Decididamente, ele não é normal*. Fūko correu para fora do consultório em pânico.

A sala de espera estava deserta, sem ninguém na cadeira. *Nesta clínica psiquiátrica muito popular, há um médico talentoso e bem-parecido que leva as nossas preocupações a sério, por muito irrisórias que possam parecer*. Quando um rumor era dito muitas vezes, era difícil saber o que era verdade.

— Menina Hatta, aqui, por favor.

Uma mão pálida acenou-lhe. Era a enfermeira a chamá-la. O rosto, a espreitar pelo postigo da receção, não era amistoso.

— Aqui tem o que precisa. Tem um folheto de instruções no interior, que a aconselho a ler com atenção. Também incluí uns pensos, por isso use-os quando for necessário, mas se ficar gravemente ferida, procure assistência médica.

— Como assim, *gravemente ferida*? — questionou Fūko, com uma expressão rígida.

A enfermeira fitou-a.

— Viu o que aconteceu há pouco, não viu? Aquilo foi só o princípio.

Fūko estremeceu.

— O médico… o doutor Nikké pareceu-me estar a chorar. Ele está bem?

— Ele vai parar de chorar antes de o paciente seguinte chegar, mas obrigada pela preocupação. Agora, passe bem.

Passe bem?

— Mas…

— Passe bem.

A enfermeira fez uma expressão calma e recusou-se a olhá-la nos olhos. Quando Fūko perguntara se aquilo era uma clínica psiquiátrica e a enfermeira respondera «Não sei nada sobre isso», talvez também não estivesse a brincar.

Se não era uma clínica de saúde mental, que tipo de clínica era?

Seria sequer uma clínica?

Segurando a transportadora com o gato numa mão e o saco com os vários artigos na outra, Fūko parou um momento para passar os olhos pela sala de espera uma última vez. A enfermeira dissera que estava para chegar um paciente com hora marcada.

A sala continuava deserta.



Enquanto o comboio da linha de Keihan balançava delicadamente, Fūko sentia todo o peso do gato sobre as pernas. Os comboios da rede expresso com destino a Osaka estavam sempre apinhados, mas o comboio local, que parava em todos os apeadeiros dos bairros residenciais e, por isso, avançava devagar, ia relativamente vazio.

A manhã de sábado começava a aproximar-se do fim. Assim que se apercebeu da hora, começaram a passar-lhe pela mente pensamentos sobre o que aconteceria na segunda-feira.

Entrara para a empresa há cinco anos, uma empresa que distribuía um vasto leque de produtos. Alguns eram produzidos pela própria empresa. Embora fizesse trabalho administrativo, por vezes via a mercadoria, e quando gostava de algo comprava com desconto de funcionário.

Fūko considerava-se uma colaboradora dedicada. Cometera alguns erros, mas nunca nada grave, e entendia-se bem com os colegas e os patrões.

Quanto ao concurso, concorrera unicamente porque todos tinham sido incentivados a participar e não o fizera com a esperança de ganhar. Apenas desenvolvera uma ideia aleatória que tivera para uns artigos de escritório — algo que achava que seria bom ter — e transformara-a numa apresentação aprimorada. De alguma forma, fora selecionada para a final.

Agora, pensando melhor, gostaria de não se ter esforçado tanto.

Desceu do comboio na paragem de Fujinomori e, quando foi buscar a bicicleta que deixara em frente à estação, percebeu algo. *Tenho comigo demasiadas coisas*. Tinha os artigos para o gato que a enfermeira lhe dera — comida seca e uma caixa para areia — e a transportadora com o gato siamês também era bastante pesada. Levava a sua bolsa a tiracolo numa posição desajeitada. Seria imprudente tentar andar de bicicleta com aquilo tudo.

Desistindo da ideia de ir de bicicleta, decidiu regressar a casa a pé. Atravessou o canal e entrou para a galeria comercial, embora chamar-lhe «galeria» fosse um exagero, porque não tinha um teto e era apenas uma rua ladeada por lojas familiares. Outrora, tinham sido bastantes, mas muitas tinham falido, dando lugar a edifícios de apartamentos.

Ainda agora, numa tarde de sábado, o espaço estava deserto.

Fūko andava sempre de bicicleta, pelo que há muito que não caminhava pelo bairro onde morava. Achava a experiência bastante revigorante.

Vejam só aquele açougueiro a fritar croquetes no passeio.

Aquilo não costumava ser uma loja de roupas? Agora, é um café.

Um espaço devoluto. Que havia aqui?

Desde há muito que não passava por esta rua e, desde a última vez que aqui estivera, verificara-se um visível declínio. Sendo uma habitante local, sabia que devia apoiar estas lojas. Não obstante, ainda agora, quando precisava de artigos para o gato, o primeiro lugar que lhe ocorreu foi o grande supermercado do outro lado da estação do comboio, onde costumava ir sempre que precisava de fazer compras.

De repente, estacou.

Um toldo desbotado chamou-lhe a atenção. Outrora de um vermelho-garrido, era agora da cor da ferrugem. Até o nome da loja no toldo estava descorado. *Jardim Takatō para Cães e Gatos*.

O Jardim Takatō para Cães e Gatos não era uma cadeia de lojas nem uma daquelas lojas chiques que havia na baixa. Era aquele tipo de loja de animais que existia naquele sítio desde que havia memória. Passava por lá quase todos os dias a caminho da estação, mas misturara-se no panorama de fundo e nunca lhe chamara a atenção. *Ainda existe*, pensou, mergulhada numa vaga de nostalgia.

Um homem de avental saiu da carrinha branca estacionada em frente à loja. Olhou para ela e depois desapareceu dentro da loja.

Fūko reconheceu-o de imediato. Era Kinnosuke Takatō, um antigo colega da escola primária.

O pai de Kinnosuke era o dono da loja. Fūko só estivera uma vez lá dentro, quando andava na segunda classe. Para ela, cujo pai tinha um emprego normal num escritório, uma loja de animais familiar era novidade — e para mais, ir a casa de um rapaz revelara-se uma incrível aventura. Lembrava-se de como o coração palpitara.

Na escola, Kinnosuke pertencia ao grupo de miúdos populares. Não se lembrava exatamente dos motivos que a levaram a visitar a loja da família, mas era bem provável que o ex-colega não se lembrasse minimamente dela.

Quando passaram de ano e mudaram de turma, nunca mais voltaram a falar. No liceu local, os seus caminhos raramente se cruzaram e não fazia ideia de que secundária ele frequentara. Achava que tinha ouvido dizer que ele fora para a universidade em Tóquio. Durante muito tempo, Fūko guardara com estima a memória de visitar a casa do rapaz que era popular, mas a páginas tantas esquecera-a por completo.

Ah, estou a perceber. O Kinnosuke deve ter regressado a Quioto e ficado com a loja do pai.

Graças a ter de caminhar com o saco pesado e com a transportadora, cruzara-se com um velho amigo. Sentiu a amena mão da nostalgia, mas também ficou um pouco triste por o amigo não a ter reconhecido.

Ao passar defronte da loja, com um certo peso no coração, a porta de vidro deslizou e abriu-se.

— Fūko? Fūko Hatta, não é?

Fūko sobressaltou-se.

Kinnosuke sorriu.

— Uau, há quanto tempo. Bastante, mesmo. Dez anos? Talvez mais. Não mudaste nada.

— Tu também não.

Atraída pelos modos descontraídos do ex-colega, Fūko retribuiu-lhe o sorriso. De facto, não mudara nada. Era o mesmo rapaz de sempre, só que mais crescido.

— Ainda vives no velho bairro, Fūko?

— Ainda. Vivo com os meus pais. E tu, assumiste a loja do teu pai, foi?

— Ah, o meu pai adoeceu e fui obrigado a regressar e deixar Tóquio.

— Oh, compreendo. Fazes muito bem em cuidares do teu pai.

Fūko lembrava-se do pai de Kinnosuke. Quando Fūko o fora visitar, o homem estava sentado por detrás do balcão na loja a abarrotar, olhou-a de forma superficial e depois não fez mais caso dela.

Pelo facto de ser dono de uma loja de animais, presumira que o pai de Kinnosuke seria um homem simpático que gostava de animais, pelo que se espantara com a indiferença dele. Achara-o intimidador e austero.

— Isso é um gato?

Kinnosuke espreitou para dentro da transportadora. Talvez assustado, o gato encolheu-se.

Fūko segurava bem a transportadora com as duas mãos, mas quase deixou cair o saco com os artigos e a sua bolsa.

— Sim, é um gato.

— Foste levar o gato a passear? Levas imensa tralha para quem só vai dar uma volta.

— Bem… — hesitou. Que pensaria um ex-colega de escola de uma história mirabolante sobre uma clínica de saúde mental que lhe receitara um gato? Poderia troçar e pensar que se tornara numa pessoa excêntrica e fantasiosa.

— A tua casa é mais ali acima, não é? As tuas coisas parecem pesadas. Queres uma boleia na minha carrinha?

— A sério? Isso seria fantástico.

— Claro. Dá-me um segundo. Tenho de guardar os artigos que acabei de trazer. Se quiseres, podes esperar cá dentro.

Tal como fizera quando andavam na segunda classe, Kinnosuke abriu a porta e convidou-a a entrar. Quando ia a entrar, Fūko apercebeu-se de algo.

— Ah, não posso entrar!

— Porque não?

— Tenho um gato — disse, erguendo a transportadora.

Kinnosuke inclinou a cabeça, confuso.

— Sim, tem estado aí o tempo todo.

— Quero dizer, este é um pouco tempestuoso. Será uma chatice se se atirar aos peixes da loja ou algo do género.

— Ah, se é isso que te preocupa, não há problema. Já não temos animais vivos.

Kinnosuke deu uma gargalhada alegre e abriu mais a porta.

O interior era mais apertado do que Fūko se lembrava, mas surpreendentemente organizado. No passado, as prateleiras estavam atulhadas de peixes tropicais e gaiolas com pequenos pássaros. Lembrava-se de ser empoeirado e barulhento.

— Isso deve ser pesado. Porque não a pousas ali?

Kinnosuke apontou para o balcão e Fūko pousou a transportadora de bom grado. *Graças a Deus!* Os braços quase não aguentavam mais. Olhou em redor pela loja e viu as prateleiras de aço cheias de produtos muito bem dispostos, como numa loja de ferragens. Kinnosuke deu uma risadinha, divertido com o espanto de Fūko perante a nova aparência da loja.

— Quando o meu velhote estava à frente da loja, tínhamos pequenos animais e peixes tropicais, mas cuidar de seres vivos dá imenso trabalho. Desde que assumi o negócio, limitamo-nos a vender artigos para animais. E tu, Fūko? O que tens feito?

— Trabalho num escritório. Sou administrativa no Departamento de Contabilidade.

— Estou a ver. Tem piada como ambos vivemos aqui, mas nunca nos cruzámos.

Enquanto falava, Kinnosuke tirava sacos de comida de cão de uma grande caixa de cartão e organizava os produtos para venda. Nas prateleiras, já havia vários sacos e latas de comida para animais.

Porém, não havia animais. Há anos que Fūko não pensava naquela loja, mas vê-la mudada transtornou-a.

Ao caminhar pela rua, ocorrera-lhe que a situação não era fácil para os pequenos negócios. Quase não passava por ali ninguém, muito menos fregueses. Será que ia ali alguém comprar croquetes acabados de fritar antes de arrefecerem?

Pensava que Kinnosuke era sensato ao deixar de vender animais vivos. Embora Quioto tivesse muitas atrações turísticas, a população diminuía de forma regular.

— Importas-te que dê uma vista de olhos ao teu gato, Fūko?

Quando acabou de expor os novos produtos, Kinnosuke limpou a testa ao avental. Encostou a cara à transportadora em cima do balcão.

— Que gato tão bonito! Deves ser bastante exigente com a alimentação. O que lhe dás?

— Eu…

— É um siamês, não é? Quantos anos tem?

Fūko não teve reação. *Ah, pois, tenho um folheto informativo*. Enquanto remexia no saco de papel, Kinnosuke abriu a porta da transportadora e tirou de lá o gato, uma mão por debaixo das patas dianteiras e outra a suportar as posteriores.

— Os siameses são uma raça bem conhecida, mas não há muitos. Eu gosto imenso deles.

Fūko pegou no folheto. Passou os olhos pelo que dizia e depois franziu o cenho.

— Esse gato não é siamês, Kinnosuke.

Passou-lhe o folheto.

«*Nome: Bena. Macho. Cinco anos. Maeo Thai. Alimentar com quantidade moderada de comida para gatos de manhã e à noite. Deve ter sempre água à disposição. Limpar a areia conforme necessário. Geralmente, pode ser deixado sozinho sem problemas. Comportamentos semelhantes podem ter significados diferentes. Queira perceber a causa subjacente a cada comportamento e decida se é permitido ou deve ser interrompido. É tudo.*»

Bena tinha feições refinadas e apenas o centro do focinho era castanho-escuro. Era igualzinho às imagens de gatos siameses que vira em artigos de novidade e em fotografias, pelo que Fūko presumira que era um, mas pelos vistos estava equivocada.

— Pelos vistos, é um *Maeo Thai*. É a primeira vez que ouço falar. Deve ser uma raça rara.

— *Maeo Thai* é o mesmo que «siamês». É apenas o nome por que é conhecido na Tailândia, de onde são originários — explicou Kinnosuke.

— Ah, não me digas.

Bena, que fora tão intratável na clínica, encontrava-se agora muito sossegado nos braços de Kinnosuke. Era a perfeita imagem de um siamês: elegante e aprumado.

— Estou impressionada, Kinnosuke. Sendo o filho do proprietário de uma loja de animais, percebes da arte.

— A sério, Fūko. Como é possível que não soubesses a raça do teu gato?

— Ah… — Fūko desviou o olhar. Era difícil explicar. — Na realidade, o gato não é meu. Pertence a uma amiga e estou a cuidar dele. Ia agora levá-lo para casa.

— Oh, compreendo. Isso explica porque levas as tralhas todas.

Kinnosuke aproximou a cara do gato. *Bena* olhou para cima e tocaram os narizes.

— É magro, mas musculoso. Tem bom aspeto. O exercício também é essencial para os gatos. Tal como nos humanos, não é só a dieta que importa. Não sei se haverá algum produto capaz

de os deixar em forma em menos tempo. Há agora uma grande procura por gatos, pelo que uma boa ideia pode ter um enorme sucesso.

— Não me digas.

Ao escutar a expressão «boa ideia», o coração de Fūko disparou. Esboçou um sorriso desajeitado.

— Vendo artigos para animais na Internet, e por estranho que pareça, os produtos de qualidade são os primeiros a ser vendidos, em especial os importados. O mercado dos animais de estimação está em franca expansão e se jogarmos bem as nossas cartas, o negócio pode ser rentável. Quanto aos gatos propriamente ditos, os resgatados estão na moda e as pessoas escolhem menos as raças com *pedigree* e os animais comprados em lojas, mas gastam cada vez mais dinheiro nos cuidados prestados. É essencial monitorizar estas tendências com cuidado e adaptarmo-nos depressa.

— Uau. Pareces mesmo um empreendedor.

— Quando estive em Tóquio, criei uma empresa com um amigo.

A voz de Kinnosuke transpareceu orgulho. Fūko pensara que parecia o mesmo rapaz, mas crescido, um homem. Porém, agora, qualquer indício de juventude desaparecera, e de súbito parecia ter a idade que efetivamente tinha.

Provavelmente, gerir um pequeno negócio era difícil, e era bom ter ambição. Fūko pensou no próprio emprego. Quando chegasse a casa, teria de rever a apresentação. O concurso era dentro de dois dias.

Sem que nada o fizesse prever, *Bena* deu uma patada no queixo de Kinnosuke.

— Ai!

Kinnosuke afastou-se, mas *Bena* continuou a atacar.

— *B-Bena*! Não! Pára!

— Ai!

Kinnosuke inclinou-se para trás, afastando a sua cara de *Bena*. As patas da frente do gato continuaram tensas e preparadas para atacar.

— Fūko, podes trazer a transportadora?

— S-sim. Desculpa!

Inclinando a transportadora, conseguiram lá meter *Bena* às arrecuas. O gatou parecia agitado, mas, para grande alívio de Fūko, recuou sem grande alarido. Foi então que reparou que Kinnosuke tinha o queixo vermelho.

— Desculpa, Kinnosuke.

— Não faz mal, eu é que baixei a guarda. Há já algum tempo que não levava uma tareia destas. Os gatos são mesmo assim, não é?

Kinnosuke estremeceu com a dor, mas exibia uma expressão divertida.

— Já tiveste um gato? — quis saber Fūko.

— Sim, em casa dos meus pais. Estava sempre a levar porrada sem motivo. Nunca se sabe o que os gatos estão a pensar. Ai, isto dói!

— Tenho desinfetante e pensos.

Tinham dado um *kit* completo a Fūko precisamente para situações como esta. Ao aplicar desinfetante nos arranhões de Kinnosuke, este cerrou os dentes — devia arder.

Pareceu-lhe estranhamente surreal. Um sítio que, outrora, fervilhara de atividade com pequenos animais parecia sombriamente vazio sem eles. Porém, enquanto tratava das feridas do colega, que fora açoitado por um gato, pareceu-lhe voltar atrás no tempo.

— Não mudaste mesmo nada, Fūko — murmurou Kinnosuke. Fūko não sabia porquê, mas o amigo pareceu-lhe um pouco triste.

Kinnosuke deu boleia a Fūko na carrinha. Dera-lhe umas latas de comida de gato cuja data de validade estava a chegar ao fim.

Parecia mais requintada do que alguma comida que se ofereceria aos humanos.

Quando Fūko entrou em casa com *Bena*, os pais ficaram estupefactos. Entreolharam-se e aproximaram-se devagar da transportadora.

— Oh, uau, é um gato — disse a mãe. — Daqueles que se veem em casa dos ricos.

— Do tipo que um magnata do petróleo teria sobre as pernas — acrescentou o pai.

— Não, não. Os magnatas do petróleo têm gatos com o pelo mais comprido.

— Ah, então se calhar numa casa com piano?

— Também há casas normais com pianos. O senhor Konishi, da casa ao lado, toca piano até altas horas da noite. Não será mais daqueles gatos que ficam à janela em mansões de estilo ocidental?

— Ah, referes-te a janelas salientes. Geralmente, as casas com janelas salientes pertencem a pessoas ricas.

Os pais mostravam caras alegres, mas Fūko pressentiu uma hesitação. Era provável que estivessem a tentar ganhar tempo distraindo-a com conversa enquanto pensavam no que fazer. A filha trouxera um gato estranho para casa. Se os pais recusassem terminantemente deixá-la ficar com o animal, o assunto estava arrumado.

— Mãe, pai, posso ficar com este gato até segunda-feira? — perguntou Fūko.

Os pais animaram-se e sorriram. Era evidente que estavam aliviados.

— Ah, estás só a cuidar dele por algum tempo! Deixaste-me preocupada. Não sei o que faríamos se o quisesses manter por muito tempo. Não é, querido? — disse a mãe.

— Exato! Uma pessoa não pode decidir ter um animal de estimação assim, sem mais nem menos. Para começar, não poderias viajar — afirmou o pai, aproximando-se da porta da

transportadora com uma satisfação evidente. — Como é que vais fazer, Fūko? Não vai ser fácil cuidar do gato.

— Vai ficar no meu quarto. Deram-me tudo o que preciso — respondeu Fūko.

Sem aviso, o pai de Fūko abriu a porta da transportadora. Antes de Fūko ter tempo de reagir, *Bena* já tinha saído.

Levantou de novo o traseiro e espreguiçou-se. *Bolas!* Fūko ficou em pânico. E se desse uma patada ou arranhasse os pais?

— Pai, este gato é um pouco atrevido. Por isso, hum, não lhe toques, está bem?

Antes de Fūko o conseguir pôr de novo na transportadora, *Bena* deu uma pequena sapatada com a pata no joelho do pai.

— Ena. O gato esticou a pata e tocou-me. É mesmo atrevido!

— Ei, então e eu?

A mãe de Fūko deslizou pelo sofá, encostando o joelho ao do marido.

— Vem à mamã, gatinho.

Desta vez, *Bena* tocou no joelho da mãe de Fūko.

— Uau, é mesmo atrevido — disse. — Que gatinho tão simpático.

— Pois…

Fūko observou, cautelosa. *Bena* tocava ao de leve com as patas nos pais. Tecnicamente, poder-se-ia dizer que lhes dava patadas.

Os pais não se aproximaram do gato, mas deixaram-no fazer o que lhe apetecia. Até ao momento, os movimentos de *Bena* tinham sido prudentes, mas era capaz de atacar de forma mais violenta a qualquer momento. Fūko observou-o com nervosismo enquanto ele deambulou pela sala de estar e depois se deitou de lado junto da janela soalheira. Dava a entender que já se desinteressara deles.

O pai de Fūko foi jogar *pachinko*, o passatempo a que se dedicava aos fins de semana, deixando Fūko e a mãe em casa.

— E o que vai comer?

Fūko tirou os artigos do saco de papel e dispô-los em cima da mesinha de apoio. Tirou também as três latas que Kinnosuke lhe dera. Durante a boleia até casa, ensinara-lhe imenso.

— O saco tem comida seca. Só tenho de pôr alguma num prato e dar-lha duas vezes por dia: uma vez de manhã e outra ao final da tarde. Se deixar água num pires, ele bebe quando quiser. Vou agora preparar uma refeição.

Enquanto Fūko falava com a mãe, *Bena* aproximara-se discretamente. Estava a bater com a pata nas três latas que tinham sido empilhadas em cima da mesa.

Foi então que Fūko reparou nos olhos do gato. *Que tom de azul incrível!* Era inacreditável existir um ser com olhos assim.

Também a mãe parecia completamente enamorada.

— Acho que o gatinho está a dizer que quer comida.

— Sim, é o que parece. Mas não lhe posso dar já a comida boa.

Com um baque metálico, uma das latas foi pelo ar. Caiu de lado e rebolou pelo chão com enorme estardalhaço.

Fūko e a mãe estacaram.

Bena dera uma patada na lata. Olhou de novo para Fūko.

— Acho que o gatinho tem… fome?

— S-sim. Mas não lhe posso dar a comida boa…

Com outro baque metálico, uma segunda lata caiu ao chão… Um golpe rápido, desferido com um menear do pulso, a fazer lembrar o movimento de um chicote.

Se o alvo fosse uma face, seria bem doloroso. Até a mãe de Fūko, que há minutos estava apaixonada, ostentava agora uma expressão tensa.

— Olha, parece que está bastante zangado. Não seria melhor dar-lhe a comida húmida em lata? Não é o que devemos fazer?

— Não, não é que não o possamos fazer, mas se lhe dermos a comida saborosa agora, poderá não comer a seca mais tarde.

Os gatos provam uma vez mais que são o melhor remédio, neste maravilhoso novo romance da autora do premiado bestseller japonês *Vamos Receitar-lhe Um Gato*

Quando se sente perdido, a Clínica da Alma Kokoro irá encontrá-lo.

O doutor Nikké e a sua clínica estão sempre prontos para oferecer a sua abordagem pouco convencional à cura. Embora nunca se perceba bem como lá foi parar, cada pessoa que entrou pela porta da clínica saiu com um gato nos braços e uma compreensão mais profunda de si mesma. Em todas as ocasiões, a clínica reafirma que o laço inquebrável entre gatos e pessoas tem o potencial de curar e transformar vidas.

Com o doutor Nikké como o fio condutor que une estas histórias, conhecemos uma mulher ansiosa perante uma competição que se aproxima, um jovem pai sobrecarregado, uma ilustradora que questiona a sua carreira e uma jovem mulher assoberbada pela culpa. Entrando ainda mais profundamente nas complicadas mentes dos humanos — e no amor dos seus companheiros felinos —, esta história comovente oferece algo mais rico e desafiante do que mero conforto: compaixão.

Um livro terno e reconfortante sobre os laços que nos salvam quando mais precisamos — perfeito para quem acredita que, às vezes, a cura chega com quatro patas e um leve ronronar.

Da mesma autora:



Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
penguinlivros
ISBN: 978-989-5960-84-2